ROMEU CORREIA

ROBERTA

TEATRO

LIVRARIA
SAM CARLOS
EDITORA

ROMEU CORREIA

UL-TEATRO 2146

ROBERTA

Farsa-trágica em 3 actos e 1 epílogo

Lisboa
Livraria Sam Carlos
1971

Capa de Victor Lopes

PERSONAGENS:

ROBERTA

MESTRE TEODORO

JOVEM

VELHA

1.º GUARDA

2.º GUARDA

(BONECOS DE TRAPO):

MARQUÊS DE POMBAL

ANGELINA

JESUÍTA-MOR

1.º JESUÍTA

2.º JESUÍTA

3.º JESUÍTA

CARRASCO

1.º ACTO

Uma barraca de feira, com um pequeno palco voltado para o exterior. Há uma cortina de chita, remendada, que veda todo o mundo de fantasia e cor dos bonecos de Mestre Teodoro. Quer num lado, quer no outro, coisas desarrumadas: uma pequena carroça, barris, cartazes rasgados, uma lona, caixotes, um banco-corrido, etc. É noite, e estão dois gasómetros de carbureto acesos, que ladeiam o palco. Percorre toda a cena um tom azulado. Ao longe, e de início, ouve-se a música da feira.

A cabeça grenhuda do proprietário do teatro dos bonecos de trapo aparece a espreitar pela abertura central do pano.

MESTRE TEODORO

Senhoras e senhores! Tenho a honra de anunciar...

(Perto, um jumento zurra, fazendo o bonecreiro calar-se...)

MESTRE TEODORO *(retomando a palavra):*

...Tenho a honra de anunciar a comédia da minha autoria...

(Como resposta ao primeiro animal, há outro que zurra, interrompendo mais uma vez o discurso do nosso homem.)

MESTRE TEODORO *(abana a cabeça, sorri-se, e sai da barraca trazendo alguns bonecos de trapo, seguros por fios):*

Isto prova que estes brutos têm sentimentos como qualquer alma cristã!... Quando se cruzam num caminho, cumprimentam-se como alguns homens civilizados. Bestas merecedoras de toda a nossa consideração!... *(Saudoso, noutro tom)*: Não minto a Vossas Senhorias se afirmar que tive um profundo desgosto quando da morte do meu querido burro. Pobrezinho! Suspirou com os olhos cravados nos meus... E foi-se desta para melhor!... Ai que falta!... Ai que falta que a besta me faz!... *(Sacode pensamentos importunos, e retoma a intenção inicial):* Mas que tem o respeitável público com os azares desta ordem? Vossas Senhorias deram-me a honra de vir ao meu teatro para assistir à mais bela e proveitosa história que se representa em terras de Portugal e de Espanha... Com tantas funções oferecidas nesta feira para vosso recreio e regalo... circo, poço-da-morte, montanha-russa, palácio dos fantasmas, cavalinhos, tiros, etc. e tal... e logo tiveram o bom gosto de vir para debaixo do meu tecto!... *(Numa reverência):* Os meus sinceros agradecimentos! *(Desconcertante, grita para a plateia):* Joséééééé...zinho!... Estás a ouvir, ó meu traste!? *(Rosna):* Filho duma vaca!... *(Riso amarelo, como que a desculpar-se):* Chamo pelo meu ajudante. Um rapazola que ainda não foi às sortes militares. Trabalha comigo a puxar os cordéis... *(Indica os fios dos bonecos, que tem pendentes)* estes, dos figurões das comédias... O rapazinho é de força!... Quando amua, quando dá para o torto... por mais que eu me rebaixe, por mais que me esfarrape...! Horas de fabricar o divertimento e o sacripanta a borrifar-se para o seu patrão!... *(Noutro tom):* Bem,

eu não tenho dúvidas de que ele aparece. Aparece... mas primeiro faz-me sofrer, a mim e ao respeitável público, o que não está certo!... *(Sopra de raiva, e alisa a cabeleira de um dos títeres):* Este é que tinha razão. Quando havia faltas de respeito, zás!, cachaporra para cima! *(Destaca-o dos outros bonecos, exibe-o):* Sabem quem é? Cabeleira, casaca bordada, sapatos de fivela... Não adivinham? O «Marquês de Pombal». Na minha comédia o «Sr. Marquês» também não é para brincadeiras... *(Outro boneco):* Esta é a «Angelina», a sopeira do senhor todo poderoso deste reino. *(Exibe agora os outros títeres de roupeta negra):* Cá estão os «jesuítas» que tiveram a má ideia de caçar a serva do «Sebastião José»... *(Dominado pela preocupação anterior):* Mas voltando à falta de respeito do meu ajudante... tenho a esclarecer de que o rapazinho não é certo... Há uns tempos a esta parte, anda a modos que desarranjado da mioleira!... Abre muito os olhos e alheia-se de tudo... Doutras vezes, acorda de repente e desata a palrar bocados da outra comédia... *(Esclarece, com maior intimidade):* Bem, a outra comédia... são «Os Milagres de Santo António». Cenas cheias de santidade e palavras bonitas que o meu avô Elísio copiou dos livros velhos e que o meu pai andou aí pelas feiras a fazer... Mas que eu... eu e o respeitável público já não estamos para aturar!... Os tempos são outros, não é verdade? *(Com ar de troça):* Escutem isto: Santo Antoninho está em Pádua, que é na Itália, e salva o pai da forca, em Lisboa... Num convento, transforma ossos em espinhas para se livrar de umas intrigas... Salva ainda «Olívia», rica donzela de Pádua, das unhas do tirano «Ezelino», que teve a coragem de desafiar o Papa... o Papa!... que representa na terra Deus Nosso Senhor!...

(Ouve-se, no fundo da plateia, o rufar do tambor).

TEODORO

Que dizia eu? Só depois destas lindas cenas o tratante vem ajudar-me... *(Fulo):* Ah, se eu não precisasse de ti! Ah, se eu tivesse quatro mãos em vez destas duas que Deus me deu!...

JOSÈZINHO *(caminha da plateia para o palco, tocando tambor. O aspecto é de um jovem anormal: olhar espantado, impulsivo e por vezes monocórdico quando fala. Pode trazer a cara pintada de branco e a ponta do nariz vermelha como os palhaços. Usa chapéu alto. Anuncia):*

Senhoras e senhores, eu e o meu patrão vamos representar a história mais bela e proveitosa acontecida nas cidades de Lisboa e de Pádua...

TEODORO *(sorna):*

Não é essa...!

JOSÈZINHO

Nada há para o corpo e para a alma como a exemplar e milagrosa vida de Santo António de Lisboa!

TEODORO

Não é essa, meu tratante! Pára lá com essas palavras! O nosso trabalho é outro...!

JOSÈZINHO

Nesta vida de maldade e egoísmo sabe bem ter diante dos olhos o exemplo de Alguém que subiu aos Céus!...

TEODORO *(esforça-se por encobrir com o corpo o ajudante):*

Mas dizia eu há pouco que o «Sr. Marquês» na minha história não é para brincadeiras... *(Ergue o títere):* Sebastião José de Carvalho e Melo, marquês de Pombal, primeiro-ministro de el-rei Dom José Primeiro...

JOSÈZINHO *(rufa agora com fúria e anuncia):*

Ides assistir à vida do muito querido e protector dos amorosos... Santo António de Lisboa!...

TEODORO *(fora de si):*

Não! não! e não! *(Para o público, com hipócrita delicadeza):* Eu peço perdão a Vossas Senhorias desta minha altercação com o estafermo do meu ajudante, mas a comédia a representar hoje é... outra! Outra que... não deixa de ser menos exemplar. *(Rosna contra o ajudante que, amedrontado, tapa o rosto com o braço):* Teimoso e velhaco! Cenário montado... bonecos vestidos... e você, seu canalha, a anunciar a vida do Santinho!... *(Fulo):* Barraca! Já para a barraca, e não quero mais pio!

JOSÈZINHO

Se vossemecê me bate na presença do respeitável

público... eu juro pela alma da minha mãe...! *(Tem um ataque de choro, infantil).*

TEODORO

Cala-te! A tua mãe não é para aqui chamada! Pára lá com essas lamúrias, essas juras! *(E ergue os braços, implorando):* Oh! Meu Deus, por que não me deste quatro mãos em vez de duas?! Já eu não precisava da ajuda deste piolho reles!...

JOSÈZINHO

Velho nojento! Barriga de toucinho!...

TEODORO *(humilhado, volta a máscara para o público, olhos esbugalhados, e geme):*

Ouviram...?! Ouviram esta falta de respeito por quem é mais velho!? «Barriga de toucinho»!... Mas estes malteses que nasceram ontem... não sabem que nós já fomos como eles!? *(Saudoso, magoado):* Também fui moço e... belo! Belo, sim! Se fui belo!... Loiro... bem torneado... chamavam-me o «Menino Jesus». *(Para o ajudante, que soluça):* O teu «barriga de toucinho»... já foi o «Menino Jesus»!... *(Cerra os olhos. Pausa. Depois, extasiado):* E é tão bom ser-se jovem e belo. Olhos limpos e ricos, dentes brancos e certos, carnes bonitas e perfumadas... *(Tentando envolvê-lo num afago):* Oh! que alegria termos um corpo novo ao alcance das nossas mãos... e tocar... sentir o calor do sangue novo!... *(Envolve-o num abraço).*

JOSÈZINHO *(repele-o):*

Não! Larga-me! Desaparece, meu monstro! *(Morde-o num braço).*

TEODORO *(uiva de dor, e dá-lhe uma bofetada):*

Filha duma vaca!...

JOSÈZINHO *(solta uma gargalhada):*

«Filha»...?! Diz outra vez...!? *(O bonecreiro reage, arrependido por ter dito «filha»...).* Vá repete!... «Filha»... foi o que tu disseste, não foi?...

TEODORO *(baixo, receoso):*

Cala-te!...

JOSÈZINHO *(liberta-se do chapéu alto e do tambor. Despe o casaco, e chega a desabotoar a camisa):*

Não! Quero ser livre! Nasci livre... sou filha de Deus!... Filha de Deus como tu... como o respeitável público!... Hoje acabou a minha escravidão!...

TEODORO

Acabou...?!

JOSÈZINHO

Acabou a mentira! EU SOU UMA MULHER!!!

TEODORO *(alarmado):*

Roberta!

ROBERTA *(grita para o público):*

Ouviram o que ele disse? «Roberta»... Tratou-me